

BOFF, Leonardo. Virtudes cardeais de uma ética planetária. In: \_\_\_\_\_ . **Ética e moral**: a busca de fundamentos. 9 ed. São Paulo: Vozes, 2014. p. 63-73.

### **1. Bem comum para toda a comunidade de vida**

Um dos efeitos mais avassaladores do capitalismo globalizado e de sua ideologia política, o neoliberalismo, é a demolição da noção de bem comum ou de bem-estar social.

É notório que as sociedades civilizadas se construíram e continuam se construindo sobre duas pilstras fundamentais: a participação dos cidadãos (cidadania ativa) e a cooperação de todos. Juntas criam o bem comum. Mas este foi enviado ao limbo das preocupações políticas. Em seu lugar, entraram as noções de rentabilidade, de flexibilização, de adaptação e de competitividade. A liberdade do cidadão é substituída pela liberdade das forças do mercado; o bem comum, pelo bem particular e a cooperação, pela competitividade.

A participação e a cooperação asseguravam a existência de cada pessoa e a vigência dos direitos. Negados esses valores, a existência de cada um não está mais socialmente garantida nem seus direitos afiançados. Logo, cada um se sente constrangido a garantir o seu. Assim surge um individualismo avassalador. Ele se revela na linguagem cotidiana: o meu emprego, o meu salário, a minha casa, o meu carro, a minha família. Ninguém é levado, portanto, a construir algo em comum. A única coisa em comum que resta é a guerra de todos contra todos em vista da sobrevivência individual. E hoje, na política mundial, o combate implacável ao terrorismo.

Neste contexto, quem vai pensar o destino comum da espécie humana e da única casa coletiva, a Terra? Quem cuidará do interesse geral dos 6,3 bilhões de pessoas? O neoliberalismo é surdo, cego e mudo a esta questão fundamental. Seria contraditório suscitá-la, pois defende concepções políticas e sociais diretamente em oposição ao bem comum.

Seu propósito básico é: o mercado tem que ganhar e a sociedade deve perder. Pois é o mercado que vai regular e resolver tudo. Se assim é, por que vamos construir coisas em comum? Deslegitimou-se o bem-estar social.

Ocorre, entretanto, que o crescente empobrecimento mundial resulta das lógicas excludentes e predadoras da atual globalização competitiva, liberalizadora, desregulamentadora e privatizante. Quanto mais se privatiza, mais se legitima o interesse particular em detrimento do interesse geral, além de enfraquecer o Estado, o gerenciador do interesse geral. É o triunfo do *killer* (assassino) capitalismo.

*Quanto de perversidade social e de barbárie aguenta o espírito?*

Que é o bem comum? No plano infraestrutural é o acesso justo de todos aos bens básicos como alimentação, saúde, moradia, energia, segurança e comunicação. No plano humanístico é o reconhecimento, o respeito e a convivência pacífica. Pelo fato de ter sido desmantelado sob a virulência da globalização competitiva, o bem comum deve agora ser reconstruído. Para isso, importa dar hegemonia à cooperação e não à competição. Sem essa mudança, dificilmente se manterá a comunidade humana unida e com um futuro que valha a pena.

Contextualizando para os tempos atuais estas reflexões, constatamos com entusiasmo que essa reconstrução do bem comum constitui o núcleo do projeto político do PT e do Presidente Lula, eleito em 2002. Entrou pela porta certa: Fome Zero. Colocou o fundamento seguro: a repactuação social a partir dos valores da cooperação e a boa vontade de todos. Afirma uma convicção humanística de base: não há futuro a longo prazo para uma sociedade fundada sobre a falta de justiça, de igualdade, de fraternidade de cuidado e de cooperação. Ela nega o anseio mais originário do ser humano, desde que emergiu na evolução, milhões de anos atrás. Lula articula esse anseio ancestral e é daí que haure sua força convocatória. Se não for o PT e Lula, serão outros atores em outros tempos que o farão. Mas esse sonho humanitário passa por ele e pelas esperanças históricas que suscitou.

O bem comum não pode ser concebido antropocentricamente. Com a compreensão que desenvolvemos hoje em dia acerca das inter-retro-conexões do ser humano com seu meio natural e cultural, devemos incluir também a natureza com seus ecossistemas e a própria Terra-Gaia, superorganismo vivo na construção do bem comum. Todos os seres, especialmente os vivos, possuem certa subjetividade, pois são sujeitos de inter-relações, situam-se ativamente no processo cosmogênico e biogênico e, por isso, possuem história. Nós, enquanto humanos, somos um elo, embora singular, da corrente da vida. Possuímos os mesmos constituintes físico-químicos com os quais se constrói o código genético de todo o vivente. Daí se deriva um parentesco objetivo com a comunidade de vida. Esse é o fundamento para ampliarmos a personalidade jurídica às montanhas, aos rios, às florestas, aos animais e a todos os demais organismos vivos. Eles possuem direitos de ser e devem ser respeitados em sua alteridade e singularidade.

Em razão desta compreensão, o bem comum não pode ser apenas humano, mas de toda a comunidade terrenal e biótica com quem compartimos a vida e o destino. A economia política não pode cuidar apenas do bem-estar material dos seres humanos, mas de todos os demais seres que precisam ter água não contaminada, solos não envenenados, ar despoluído e nutrientes de qualidade. Sem essa ampliação da democracia, que será então sociocósmica, o nosso bem comum não será suficiente nem adequado.

Cooperação se reforça com mais cooperação, pois aqui reside a seiva secreta que alimenta e revigora permanentemente o bem comum.

## 2. Autolimitação: virtude ecológica

O pavor suscitado pelo lançamento de bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki, em 1945, foi tão profundo que mudou o estado de consciência da humanidade. Introduziu-se a perspectiva de destruição em massa, acrescida posteriormente com a fabricação de armas químicas e biológicas, capazes de ameaçar a biosfera e o futuro da espécie humana.

Antes, os seres humanos se permitiam fazer guerras convencionais, explorar os recursos naturais, desmatar, jogar lixo nos rios e gases na atmosfera, e não havia grandes modificações ambientais. A consciência tranquila assegurava que a Terra era inesgotável e invulnerável e que a vida continuaria a mesma e para sempre em direção ao futuro.

Esse pressuposto não existe mais. Mais e mais nos damos conta daquilo que a Carta da Terra atesta: “Estamos diante de um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher o seu futuro... ou formar uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros, ou arriscar a nossa destruição e a da diversidade da vida”.

Esse documento, já assumido pela Unesco em 2000, representa a nova perspectiva planetária, ética e ecológica da humanidade. Os fatos que sustentam o alarme são irrecusáveis: só temos essa Casa Comum para habitar; seus recursos são limitados, muitos não renováveis; a água doce é o bem mais escasso da natureza (só 0,7% é acessível ao uso humano); a energia fóssil, o petróleo, motor do desenvolvimento moderno, tem dias contados; e o crescimento demográfico é ameaçador.

Ultrapassamos já em 20% a capacidade de suporte e reposição da biosfera. Querer generalizar para toda a humanidade o tipo de desenvolvimento hoje imperante demandaria outros três planetas iguais ao nosso. A grande maioria não pensa em tais coisas, pois parece-lhe insuportável lidar com os limites e eventualmente com o desastre coletivo, possível ainda em nossa geração.

Esses problemas são graves. Mas há ainda um maior: a lógica do sistema mundial de produção e a cultura consumista que ele gerou. Ele diz: devemos produzir mais e mais, sem impor limites ao crescimento, para podermos consumir mais e mais, sem limites à cesta de ofertas. A consequência imediata desta opção é uma dupla injustiça: a ecológica, com a depredação da natureza, e a social, com a geração de desigualdades. Pode-se dividir a humanidade entre aqueles que comem à tripa forra e os que comem insuficientemente, condenados a todo tipo de doenças da pobreza, à marginalidade e à exclusão.

Se quisermos garantir um futuro comum da Terra e da humanidade, impõem-se as virtudes cardeais imprescindíveis: a busca do bem comum, a autolimitação e a justa medida, todas elas expressões da cultura do cuidado e da responsabilidade. Mas como postular essas virtudes se todo o sistema social mundial funciona negando tais virtudes?

Desta vez, porém, não há escolha: ou mudamos e nos pautamos pelo cuidado e pela responsabilidade coletiva, autolimitando-nos em nossa voracidade e vivendo a justa medida em todas as coisas na perspectiva do bem comum humano e ambiental, ou enfrentaremos uma tragédia sem precedentes.

A autolimitação significa um sacrifício necessário que salvaguarda o Planeta, tutela interesses coletivos e funda uma cultura da simplicidade voluntária. Não se trata de não consumir, mas de consumir de forma responsável e solidária para com os seres humanos e os demais seres vivos de hoje e que virão depois de nós. Eles também têm direito à Terra e a uma vida com qualidade.

### **3. Justa medida: fórmula secreta do universo e da felicidade**

A cultura imperante é em tudo excessiva. Não tem o sentido da autolimitação nem o senso da justa medida. Por isso está em crise, perigosa para o seu próprio futuro. O desafio é: qual é a justa medida que preserva o capital natural e a sobrevivência da biosfera?

A justa medida é o ótimo relativo, o equilíbrio entre o mais e o menos. Por um lado, a medida é sentida negativamente como limite às nossas pretensões. Daí nasce a vontade e até o prazer de violar o limite. Por outro, é sentida positivamente como a capacidade de usar, de forma moderada, as potencialidades para durarem mais. Isso só é possível quando se encontra a justa medida.

Se repararmos bem, a justa medida é a fórmula secreta pela qual o universo se organizou e garantiu seu equilíbrio até os dias de hoje. Se, após o big-bang, as forças de expansão não tivessem sido contidas pela energia gravitacional, todos os elementos ter-se-iam difundido até se diluírem no espaço infinito. Então não teria havido a condensação dos gases, a formação das estrelas, dos planetas, da Terra e nós não estaríamos aqui para refletir sobre tudo isso. Se a força gravitacional tivesse predominado e se os materiais todos tivessem regressado sobre si mesmos, teriam explodido em cadeias sucessivas e o universo e nós não teríamos surgido. Mas, ao contrário, tudo se processou na justa medida. Instaurou-se um equilíbrio dinâmico e sutil entre expansão e condensação, de sorte que pudessem surgir corpos densos, seres vivos e complexos como os animais e nós mesmos.

Esta justa medida está ancorada em nosso profundo, nos arquétipos ancestrais que orientam nossa vida. Eles ganham corpo em todas as produções humanas, fazendo que sejam belas e harmônicas, por causa do justo equilíbrio que nelas se estabeleceu.

Não é de estranhar que, por exemplo, as culturas da bacia mediterrânea, que tanto influenciaram a nossa, como a egípcia, a grega, a latina e a hebraica, tenham postulado sempre a busca da justa medida como fonte construtora de equilíbrio social. Essa era e é também a preocupação central do budismo e da filosofia ecológica do Feng-Shui chinês. Para todas, o símbolo maior era a balança e as respectivas divindades femininas, tutoras da justa medida.

A deusa Maat dos egípcios cuidava para que tudo fluísse equilibradamente. Mas os sábios egípcios cedo entenderam que a justa medida exterior só se alcança a partir da justa medida interior. Sem a convergência da Maat interior com a exterior, perdemos a justa medida, vale dizer, o equilíbrio e nos mostramos destrutivos.

Uma das características fundamentais da cultura grega foi a busca insaciável da medida em tudo (métron). Clássica é a formulação: “*rnéden ágan*”, “nada em excesso”. Essa medida justa se vê realizada em todas as grandes obras artísticas dos gregos, na escultura, na arquitetura, no teatro e na filosofia. Desta herança nos alimentamos ainda nos dias de hoje.

A deusa Nênese, venerada por gregos e latinos, representava a justa medida na ordem divina e humana. Todos os que ousassem ultrapassar a própria medida (chamada de hubris = auto-afirmação arrogante) eram imediatamente fulminados por Nênese. Assim acontecia com os campeões olímpicos que, à semelhança dos dias atuais, se deixavam endeusar pelos fãs, ou os filósofos e os artistas que permitiam a excessiva exaltação de suas vidas e obras.

A Bíblia hebraico-cristã funda a medida justa no reconhecimento do limite intransponível entre Criador e criatura. A criatura jamais será como Deus. Essa era a pretensão de nossos ancestrais no paraíso terrenal. Imaginavam que o conseguiriam caso comessem do fruto proibido. Comeram dele, ultrapassaram o limite imposto, não viraram Deus e foram expulsos do paraíso.

Pecado é recusar o limite, é não reconhecer a condição de criatura. Apesar da expulsão, permaneceu o imperativo da justa medida na forma do “cultivar e guardar” o jardim do Éden, vale dizer, de viver a ética do cuidado. Por detrás de “cultivar” ressoa sempre “culto” e “cultura” que sinalizam o trato respeitoso da Terra (culto). E por detrás de “guardar”, o aproveitamento sustentável de seus recursos para atender necessidades humanas e não para fins de acumulação.

Na linguagem bíblica, ser “imagem e semelhança de Deus” significa ser o representante e o lugar-tenente de Deus no meio da criação. Como tal, deve prolongar o ato criador divino, criando também com a mesma benevolência com que Deus criou toda as coisas (“e viu que tudo era bom”). O efeito final das intervenções, sob a justa medida, é a cultura, como hominização e humanização da natureza.

A justa medida é exigida em dois campos importantes da atividade humana atual: na ecologia e na biotecnologia. Na ecologia se coloca continuamente a questão: qual é a medida justa de intervenção na natureza para satisfazer nossas necessidades e, ao mesmo tempo, conservar o capital natural de modo que ele possa se regenerar e perdurar indefinidamente?

Aqui precisamos de sabedoria e juízos prudentiais para não colocar sob estresse a biosfera. No campo da biotecnologia precisamos nos perguntar: qual a justa medida na manipulação do código genético humano? Ela surge quando o ser humano entra numa profunda comunhão com a própria vida. Então captará a vida como a irrupção mais complexa e misteriosa do processo da evolução. Ela demanda respeito e reverência. Precisa continuamente de cuidado para se manter e co-evoluir.

O corpo de geneticistas deve entrar no laboratório de experimentação como quem entra num templo e operar processos como quem faz uma liturgia. Caso contrário poderão pôr em risco o futuro da vida. A vida não é uma mercadoria. Por isso a pesquisa não se ordena ao lucro mas ao melhoramento da própria vida.

Aprendamos dos antigos como sanar a crise civilizacional: vivendo sem excesso, na justa medida e no cuidado essencial para com tudo o que nos cerca.